

A consolidação do pentecostalismo católico como fenômeno religioso: as etapas da RCC no Brasil

The consolidation of catholic religious phenomenon as pentecostalism:
the stages of CCR in Brazil

José Soares de Jesus¹

Resumo

A discussão atual sobre o fenômeno religioso está presente nos vários âmbitos de pesquisa porque influencia na gestação de comportamentos e atitudes do ser humano que, certo ou não, procura descortinar novas possibilidades do ser religioso na sociedade atual. É um tema importante e que perpassa as várias tradições religiosas – as mais antigas como catolicismo, budismo, judaísmo – com suas nuances e complexidades. No caso do artigo em destaque, sublinhamos o pentecostalismo católico – presente na Renovação Carismática Católica – desde sua chegada ao Brasil até sua afirmação e desdobramento no cenário eclesial brasileiro.

Palavras-chave

Fenômeno religioso.
Catolicismo.
Renovação Carismática Católica.

Abstract

The current discussion about the religious phenomenon is present in several areas of research because of pregnancy influence on attitudes and behaviors of human beings, believer or not, that opens up new possibilities of being religious in society today. It is an important issue and running through the various religious traditions - the oldest as Catholicism, Buddhism, Judaism - with its nuances and complexities. In the case of the feature article, we emphasize the Catholic Pentecostalism, since his arrival in Brazil until his statement and scenario unfolding in Brazilian Church.

Keywords

Religious phenomenon.
Catholicism.
Catholic Charismatic Renewal.

¹ Graduado em Filosofia pela Faculdade Salesiana de Filosofia Ciências e Letras, de Lorena, em 1986, e em 2012, logrou título de Mestre em Ciências da Religião pela Unicap. Email: pesoares@hotmail.com

1 Introdução

O fenômeno religioso no Brasil e, porque não afirmar, além fronteiras, tem se constituído como uma fonte inesgotável de pesquisa que se multiplica de maneira incontestemente a ponto de despertar entusiasmo e perplexidade na sociedade atual. Os diversos pesquisadores, dentre eles João Batista Libânio, Faustino Teixeira, Brenda Carranza, Cecília Loreto Mariz, Monique Hébrard e outros, observam como é desafiante esse tema, criando as mais diversas reações entre os seguidores das religiões mais tradicionais – como o catolicismo – e até de pessoas que não professam nenhum credo religioso.

A força hegemônica de tradições religiosas como o catolicismo, vem cedendo lugar para o surgimento de movimentos religiosos com pouca doutrina e muito enfoque para o dado emotivo. As mudanças ocorrem sistematicamente e influenciam as pessoas que procuram o sagrado, sobretudo no campo mais intimista ajudando a reconhecer o seu mundo através de “sinais milagrosos e bênçãos divinas.” Quanto mais se sentem questionadas pela fluidez de comportamentos diversificados, mais as igrejas cristãs e outros grupos se dão conta de certa fragilidade de suas respostas para o ser humano no século XXI. O problema é contundente e não se pode mais negligenciar a procura pelo religioso. “Verdadeiramente surpreendente é o emergir do fenômeno religioso” (LIBÂNIO, 2002, p. 21).

Dentro de um contexto notadamente plural, a vivência religiosa não descarta a prática organizativa. Parece paradoxal, mas, as tendências de grupos religiosos vigentes hoje é corresponder às expectativas da própria

sociedade que anseia por segurança espiritual; o caminho, portanto é de uma “rotinização que implicará em certa institucionalização” (WEBER *apud* MARIZ, 2011, p. 170) ou pelo menos em uma expansão paulatina que dará a muitos grupos um alcance incomensurável na formação do quadro religioso atual. Cecília Mariz advoga tamanha complexidade quando afirma:

Mesmo que a religiosidade contemporânea pareça ser para o fiel algo cada vez mais emocional, experiencial e espontâneo, o analista não pode negligenciar o fato de que graças a estruturas organizativas específicas, experiências desse tipo podem se manter e se expandir na vida social (MARIZ, 2011, p. 170).

A preocupação do artigo se volta para o espectro católico devido a inúmeras intercorrências que permearam a Igreja após o encerramento do Concílio Vaticano II (1962-1965). Enquanto evento ele trouxe a perspectiva de superar uma concepção puramente hierárquica da Igreja e que marcara sua história anteriormente. Agora os traços são outros e os desafios também. Por isso, a Igreja esboça uma fisionomia alvissareira. A dinâmica e a percepção da realidade, bem como, a concepção eclesiológica é outra. Sua maneira de enxergar a realidade emerge com a possibilidade de abrir suas portas à renovação de suas estruturas. Nessa linha de renovação Medard Kehl, sublinha:

O Concílio ajudou a irromper uma nova experiência de Igreja, que volta a se orientar, de forma mais vigorosa, pelas **origens bíblico-patristicas** e também quer ao mesmo tempo, fazer jus à realidade da Igreja em nosso mundo secularizado (KEHL, 1997, p. 31, destaque do autor).

Os enfoques começaram a se multiplicar levando muitos teólogos a vislumbrar o Concílio como um fenômeno que colocava a Igreja em ebulição de dentro para fora. Para alguns, a preocupação era manter o “*status quo*” eclesial.

“Muitos teólogos, especialmente os da escola romana, consideravam que, depois do Vaticano I – que concentrara tanto poder nas mãos do romano pontífice – novos Concílios seriam dispensáveis”

(BEOZZO, 2005, [s. p.]). No entanto, para a maioria dos teólogos e observadores, o Concílio transformou-se num fenômeno de mudanças e, que veio possibilitar o diálogo entre diversos caminhos religiosos. Uma expectativa sempre cheia de ambiguidades, mas, o documento conciliar *Nostra Aetate* esboça tamanho desejo:

Hoje, que o gênero humano se torna cada vez mais unido, e aumentam as relações entre os vários povos, a Igreja considera mais atentamente qual a sua relação com as religiões não-cristãs. E, na sua função de

fomentar a união e a caridade entre os homens e até entre os povos, considera primeiramente tudo aquilo que os homens têm de comum e os leva à convivência (CONCÍLIO VATICANO II, 1966).

Ocupar-se do fenômeno religioso é ter clareza da impossibilidade de esgotar o sagrado a partir de um único discurso. Observado na sua transbordante manifestação, o fenômeno se revela e se esconde. Há verdadeiros

A preocupação do artigo se volta para o espectro católico devido a inúmeras intercorrências que permearam a Igreja após o encerramento do Concílio Vaticano II (1962-1965). Enquanto evento ele trouxe a perspectiva de superar uma concepção puramente hierárquica da Igreja e que marcara sua história anteriormente. Agora os traços são outros e os desafios também.

místicos que enxergam tamanha graciosidade e assim, “dão nomes ao mistério” (BOFF, 2010, p. 56) porque vivem empedernidos nele. O caminho mais eloquente e convincente para as religiões na atualidade é não tentar manipular o mistério. Nesse contexto, o catolicismo pós-vaticano II pode oferecer excelente contribuição. “No Brasil atual, o cenário é caracterizado por uma efervescência religiosa sem precedente e uma ambiguidade multiforme” (OLIVEIRA, 2008, p. 30).

2 A disputa e a consolidação da RCC dentro do catolicismo

Dentro do espectro católico, vários grupos se destacam na disputa por um caminho de fortalecimento espiritual. Tendências bem díspares que apontam para um forte “pluralismo no seio católico”. “O catolicismo no Brasil revela uma grande complexidade. A pluralidade é um traço constitutivo de sua configuração no Brasil” (TEIXEIRA, 2010, p. 2). No caso do

catolicismo, são muitos traços dentro de uma única Igreja. Tem, por exemplo, o movimento de Comunhão e Libertação que faz parte desse espraiamento religioso. A proximidade com o papa e toda a hierarquia da Igreja – bispos e padres se alimentam no movimento – é visível e bem arraigada. Seu fundador foi Dom Luigi Giussani, na cidade de Milão na Itália.

O nome atual, **Comunhão e Libertação** (CL), apareceu pela primeira vez em **1969**. Ele sintetiza a convicção de que o acontecimento cristão, vivido na **comunhão**, é a base da verdadeira **libertação** do homem (O MOVIMENTO..., [s. d.]).

Outra proposta vem das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que ainda possuem vigor no emaranhado de posturas que o catolicismo aponta. O caminho das CEBs continua alvissareiro e rico no que concerne a sua espiritualidade. Com o décimo inter-eclesial em Ilhéus-BA (2000), a proposta desse “jeito de ser Igreja” ganhou mais acuidade e se fortaleceu em alguns centros urbanos do Brasil. Elas continuam com vigor e para muitos pesquisadores – a exemplo de Faustino Teixeira – possuem direção e geram esperanças para católicos e até pessoas de outras religiões.

Outro exemplo de catolicismo de reafiliados é o das CEBs. É uma experiência que traduz para seus participantes uma mudança significativa no campo do exercício religioso. Pode-se falar com pertinência de conversão, como mudança acentuada na maneira pessoal e coletiva de se viver a experiência da própria religião. O caso das CEBs evidencia a trajetória de indivíduos que se reafiliam a uma mesma tradição, que redescobrem uma nova identidade religiosa, até então mantida formalmente. A inserção nas CEBs provoca em âmbito vital uma reorganização ética e espiritual (TEIXEIRA, 2010, p. 20).

Logo após as Conferências Episcopais de Medellin (1968) e Puebla (1979), as CEBs impulsionaram a vida de muitas comunidades eclesiais no Brasil e em toda América Latina. O

processo de seu crescimento sofreu entraves, mais resistiu e manteve a identidade de luta de muitos fiéis. O próprio Faustino Teixeira assevera:

As CEBs viveram o seu momento de maior efervescência nas décadas de 70 e 80, envolvendo distintas formas de pertencimento. A partir do final dos anos 80, com os novos ventos da conjuntura eclesial internacional, elas encontram inúmeras resistências e mesmo impedimentos para a continuidade de sua afirmação criadora. Mas sobrevivem à crise e ampliam o campo de seu interesse para novos desafios, como os da cultura, etnia, gênero, subjetividade, ecologia, espiritualidade, ecumenismo e diálogo inter-religioso (TEIXEIRA, 2010, p. 21).

Nesse emaranhado onde surgem conflitos e derivam expectativas de cunho emocional, religioso e de outras situações, percebe-se nitidamente que as respostas oferecidas ao ser humano para o cultivo de sua dimensão religiosa são diversas. A procura por solução é insaciável e, cada vez mais, o desgaste de antigos grupos religiosos se avoluma. É uma paradoxalidade imensa: mais procura pelo religioso e talvez menor atenção a formas rígidas de doutrinação vem sendo constatada na postura de muitas pessoas, que reivindicam a sua subjetividade, a escolha por um caminho religioso. Mas, outros se dão conta da necessidade de um direcionamento espiritual ou até, de uma ordem, ou grupo, ou comunidade que o faça despertar para o mistério. Daí surgem figuras mediadoras, ou seja, fundadores, ou na linguagem weberiana, profetas, que indicam caminhos sagrados.

“Por ‘profeta’ queremos entender aqui o portador de um carisma puramente pessoal, o qual, em virtude de sua missão, anuncia uma doutrina religiosa, ou um mandato divino” (WEBER, 1998, p. 303). São pessoas que

Nesse emaranhado onde surgem conflitos e derivam expectativas de cunho emocional, religioso e de outras situações, percebe-se nitidamente que as respostas oferecidas ao ser humano para o cultivo de sua dimensão religiosa são diversas. A procura por solução é insaciável e, cada vez mais, o desgaste de antigos grupos religiosos se avoluma. É uma paradoxalidade imensa: mais procura pelo religioso e talvez menor atenção a formas rígidas de doutrinação vem sendo constatada na postura de muitas pessoas, que reivindicam a sua subjetividade, a escolha por um caminho religioso.

exercem um determinado “controle” sobre outras pessoas que o seguem. O carisma desses “fundadores,” homens e mulheres que possuem o dom de apontar caminhos espirituais fez da RCC um movimento encantador e também uma maneira de exercer poder espiritual dentro do próprio catolicismo. Ela se enxerga como uma fonte capaz de transformar os caminhos da própria Igreja. “A Renovação não quer ser um movimento a mais dentro da Igreja, mas sim transformar a própria Igreja: ser uma nova Igreja” (MARIZ, 2011, p. 173). Por isso, a RCC se afirma tanto como uma espiritualidade capaz de fazer do pentecostalismo católico, um fenômeno religioso e muitos através dela se estabelecem como profetas, místicos e mediadores da fé. É o caso do Pe. Jonas Abib, fundador da Canção Nova. “Nunca pretendi ‘fundar’ ou ser ‘fundador’”. De certa maneira, essa idéia até

me repugnava. Simplesmente fui sendo dócil à condução de Deus que hoje, vejo, foi “vigorosa” (ABIB, 2010, p. 29).

O volume de oferta espiritual é imenso dentro dos quadros da RCC. Outros movimentos católicos ou interagem ou são influenciados pela metodologia do seu canto ou pelos gestos de oração que compõem a RCC. Faz-se necessário indagar o desenrolar da proposta carismática observando o seguinte: **a RCC possui suporte organizacional para manter no seu quadro tantos seguidores? E mais, a RCC tem se preocupado em dialogar com outros movimentos ou tem se colocado na prática como a salvação do catolicismo?**

Vamos aprofundar essas questões e com a compreensão do papel dos outros movimentos eclesiais entender como o catolicismo é uma religião dependente de novos “carismas”. Tem grupos mais antigos e conservadores em sua postura como a Legião de Maria ou o Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus. Mas foi a RCC que despertou uma procura insaciável por Deus e, com o desenrolar da chegada dos carismáticos no Brasil, sua visibilidade ganhou proporções inimagináveis a ponto de convencer – mesmo que de forma demorada e parcial – alguns bispos do Brasil e boa parte do clero que colocou o movimento como tábua de salvação pelo suposto êxodo de fiéis católicos na década de 1990.

O artigo deseja expor como a Renovação Carismática se organizou de forma impecável e chegou a vários países da América latina e também no Brasil. “A América Latina é um continente em ebulição, onde o RC nasceu num contexto de ditadura, de guerra civil, de pobreza, de influência norte-americana”

(HÉBRARD, 1992, p. 27). Esse berço do seu nascedouro foi importante para a consolidação da RCC no seio do catolicismo romano. “[...] Assiste-se em contrapartida, a um

desenvolvimento espetacular em Cuba com uns quarenta grupos de oração em Havana e dois milhões de carismáticos no Brasil” (HÉBRARD, 1992, p. 37).

3 A organização da RCC

“O movimento carismático católico chegou ao Brasil entre o final da década de sessenta e o início da década de setenta, do séc. XX” (CARRANZA, 2000, p. 30-32) e foi trazido por padres jesuítas que começaram a aplicar encontros conhecidos como "Experiência do Espírito Santo", depois "Experiência de Oração", em diversas cidades do Brasil, sendo Campinas a pioneira. Flávio Munhoz descreve:

Sua primeira raiz fincou-se na experiência dos cursos de Treinamento de Lideranças Cristãs (TLC), sendo que a segunda raiz finca-se nos Cursinhos de Cristandade. Junto com Pe. Haroldo, Pe. Edward John Dougherty (conhecido como Pe. Eduardo) deu à RCC o impulso necessário para seu crescimento. O livro ‘Sereis Batizado no Espírito Santo’, representou uma alavanca para a difusão do movimento e significou a legitimação da RCC no Brasil (SOFIATI, 2011, p. 2).

Como era o mais novo e o mais desconhecido, seus “patronos” cuidaram de escrever textos, artigos e livros que difundiram a forma de rezar ao Espírito Santo. Dessa forma, o seu caráter fenomenológico foi se consolidando como algo alvissareiro dentro da Igreja. O caráter era intimista e recomendava que as pessoas pedissem fortemente os dons do Espírito Santo, para auxiliá-las na vida.

Com ênfase no uso da Bíblia, os pioneiros do Movimento lembraram o que os cristãos falaram a respeito dessa ação divina e como foi sendo conhecida através de Paulo e dos primeiros missionários. Em Atos encontra-

se o texto: “Enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo atravessou o planalto e chegou a Éfeso. Ai encontrou alguns discípulos e perguntou-lhes: “vós recebestes o Espírito Santo, quando abraçastes a fé? “Eles responderam: nem sequer ouvimos dizer que existe Espírito Santo” (At., 19, 1-2). A forma de citar com frequência os textos bíblicos caracteriza a vida da RCC desde seu nascedouro.

Tomando-se por base o uso da bíblia, podemos assinalar que o Brasil, ao receber e acolher o movimento carismático, parece tomado por uma intensa vida espiritual e sua “[...] organização começa a funcionar com o primeiro Congresso Nacional, em 1973 na cidade de Itaicí-SP e depois o segundo em 1974 com a coordenação do Padre Silvestre Scandian” (BORGES, 2011, p. 1.). Aí vieram retiros, aprofundamentos e a estruturação do trabalho que se espalhou com diversas coordenações em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro, Brasília e outros lugares. Na RCC, há um planejamento amplo a nível nacional que denota sua capilaridade laical: são as secretarias para acionar projetos nas dioceses. Ela exige muito de seus colaboradores. Analisando sua organicidade Brenda Carranza conclui:

Para efetivar a Ofensiva Nacional em todas as dioceses do país a RCC conta com a organização de 15 secretarias que respondem pela execução específica desse projeto. Merece especial atenção a descrição, o nome,

a função e os destinatários de cada projeto ou secretaria porque eles mostram claramente a burocratização dos dons e carismas na RCC: a secretaria Ágape, centrada no atendimento das famílias; Projeto Fraternidade, que presta orientação para formação de grupos de oração; [...] Projeto Matias, que responde à necessidade de articular todas as iniciativas de ação política partidária” (CARRANZA, 2000, p. 59-60).

Também no interior da Igreja, bispos, padres e religiosos que detinham o domínio da doutrina católica ficaram espantados com a força organizacional da RCC, que ganhou corpo e logo se transformou na responsável pelo aumento de grupos de oração e outras atividades da Renovação Carismática na Igreja. Brenda Carranza aponta,

Projeto Moisés, responsável pela criação de uma rede de intercessores (pessoas que rezam enquanto outros trabalham em todas as dioceses). Projeto Marcos, que é a estrutura que (sic) atinge os jovens. Projeto Marta, divulga e orienta a iniciativa de assistência social. Projeto Pedro, tem como objetivo a formação de “pregadores” – visa homogeneizar doutrina e estilo das pessoas que fazem pregações no Brasil em nome da RCC (CARRANZA, 2000, p. 60, destaque da autora).

O trabalho da RCC ganha corpo com essas secretarias, e claro que com as atividades próprias do movimento. Os projetos da RCC são bem alicerçados na Igreja e acabam capitaneando uma série de investidas no campo religioso e também sócio-político. Brenda descreve sua ampliação,

Em Campinas o Pe. Eduardo Dougherty, preocupado em fazer do Brasil um Brasil cristão, confirmou em 1982 a vocação ao ministério da política a Salvador Zimbaldi, que se candidatou, mas sem sucesso, a vereador de Campinas; no entanto conseguiu ficar como administrador local por dois mandatos, para logo depois candidatar-se novamente, dessa vez com sucesso, em 1988 e 1994 (CARRANZA, 2000, p. 157).

A RCC expande sua organização e passa a cultivar tarefas, ou seja, atividades que demonstram seu domínio conservador sobre a situação pessoal, religiosa e até financeira dos seus membros. “Em confronto com outras concepções religiosas, a RCC é reacionária, pois propõe um retrocesso tanto no campo da intimidade, quanto na esfera da vida pública” (ANDRADE, 2007, p. 210-211). Na verdade, a RCC cria uma categoria social e religiosa que retoma práticas e ideologias do período de cristandade. “Dessa forma, a RCC se constitui numa sociedade dentro da sociedade e uma Igreja dentro da Igreja, o que poderia ser caracterizado como uma sociedade inclusiva” (CARRANZA, 2000, p. 61). Um grupo que esboça poderes e segura seus seguidores,

Figura 1: Encontro nacional de formação 2012



Fonte: RCC Brasil – Encontro nacional de formação 2012 – 4º dia, manhã.

tornando-os radicalmente fiéis ao movimento e a espiritualidade.

Toda essa organização ajuda o movimento da RCC a ganhar visibilidade e a se espalhar no seio das comunidades eclesiais por todo o Brasil. As lideranças da RCC apostam na formação de seus seguidores e, para isso, envidam esforços para que ela se mantenha viva em pleno séc. XXI. Ultrapassa até fronteiras nas dioceses brasileiras, migrando de paróquia em paróquia. Sabe do seu potencial e acredita na determinação de sua

metodologia. O seguidor da RCC não mede esforços para participar de suas atividades. E, quanto maior aparenta ser o sacrifício, mais o trabalho se insere numa posição de fenômeno religioso pela quantidade de fiéis que atrai e pela capilaridade que o Movimento desenvolve.

Os carismáticos também se organizam com os chamados grupos de oração que promovem uma verdadeira disseminação dos seus objetivos e da doutrina católica. Os Grupos de Oração fortalecem a RCC e apontam para um redimensionamento da questão religiosa na modernidade. Esse traço fica claro devido ao clima emotivo, festivo, alegre e altamente subjetivo que eles reúnem, toda vez que juntos extravasam o seu modo de rezar; sem preocupação dogmática ou demasiadamente solene como em algumas missas oficiais do catolicismo institucional. “É no grupo de oração que o ponto alto da vida carismática é experimentado: nele as pessoas podem vivenciar as mais diversas formas de adoração e louvor. E é louvar o que realmente interessa” (PRANDI, 1998, p. 36). As pessoas no grupo esquecem dos problemas. A condução que é realizada por um carismático preparado para esse fim, tem o poder de conduzir as pessoas ao louvor, ao canto, e a oração com palavras em voz alta. Elas no grupo dão testemunho de sua conversão. Uma avalanche de subjetividade que traz conforto momentâneo.

No grupo, ninguém está preocupado com o tempo. Existe um “bálsamo espiritual” no grupo, que pode ser pequeno – com vinte ou trinta pessoas – e isso acaba aproximando as pessoas e seus problemas. Um pequeno núcleo de fé, um ambiente de louvor coletivo, uma maneira de acolher católicos dissidentes e também pessoas que nunca tiveram

participação ativa na Igreja Católica. O trabalho sempre dá resultados.

A RCC expande sua organização e passa a cultivar tarefas, ou seja, atividades que demonstram seu domínio conservador sobre a situação pessoal, religiosa e até financeira dos seus membros. “Em confronto com outras concepções religiosas, a RCC é reacionária, pois propõe um retrocesso tanto no campo da intimidade, quanto na esfera da vida pública”. Na verdade, a RCC cria uma categoria social e religiosa que retoma práticas e ideologias do período de cristandade. “Dessa forma, a RCC se constitui numa sociedade dentro da sociedade e uma Igreja dentro da Igreja, o que poderia ser caracterizado como uma sociedade inclusiva”.

No desenrolar do Grupo de Oração uma questão se impõe: o fiel religioso quer ser escutado e para isso ele reveste-se de coragem, encontra um espaço para viver sua subjetividade e transforma sua oração em remédio espiritual. Os dirigentes incentivam a oração em línguas apesar das restrições da CNBB²: “como é difícil discernir, na prática, entre inspiração do Espírito Santo e os apelos do animador do grupo reunido, não se incentive a chamada oração em línguas” [...] (CNBB, 53, 1994, 62). Esse traço da RCC – apesar da restrição dos bispos – não foi abolido no Movimento.

Dentro da Igreja católica, os Grupos de Oração revelam um rosto diferente se comparado com outras atividades da mesma Igreja. Há um clima de autonomia “no que concerne a vida daquele grupo”. Se o padre

² Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Um órgão eclesialístico que une as atividades pastorais e administrativas dos bispos no Brasil.

está presente, ótimo; se ele segue a espiritualidade da RCC melhor ainda. Também o padre pode cantar e louvar. No clero existem aqueles que aderem e isso é claro pela paradoxalidade que o Movimento apresenta no Brasil. Afirma Péricles Andrade:

A RCC é um movimento de leigos, iniciado e liderado por eles. O laicato controla os cargos de coordenação em âmbitos paroquial, diocesano, regional e nacional; coordenam os grupos de oração, organizam os encontros, seminários e congressos que reúnem membros de vários grupos de oração. Porém, deve se destacar que o clero também sempre teve um papel importante (ANDRADE, 2007, p. 209).

Os grupos formam um espaço que podemos chamar de autônomo e acolhedor. Em pleno século XX, a instituição católica é sacudida por uma metodologia diferenciada. A

presença do leigo ganha destaque. Ele possui tarefas próprias no grupo de oração: animador, palestrante, músico e cantor, etc. Ela é distinta do papel do clero, que evoca para si as tarefas próprias do sacerdote como: assessor espiritual, confessor e de legitimador da hierarquia católica. No grupo o leigo vislumbra apoio e se comporta como guia espiritual. “Os **grupos de oração** são a base da vida carismática e constituem-se em grupos semanais que procuram a renovação espiritual dos participantes, complementando a vida sacramental dos fiéis” (ANDRADE, 2007, p. 211, destaque do autor). Na RCC o campo para os fiéis se manifestarem está em aberto e, eles aproveitaram muito o apoio do papa João Paulo II.

4 As várias etapas da RCC: reações e propostas a esse modelo eclesial

O quadro histórico no qual surgiu a RCC abre a possibilidade para enxergar sua sobrevivência sob dois ângulos: **o primeiro** é sua proximidade com o pentecostalismo americano e posterior descolamento. **O segundo** é sua posição clara de conservadorismo para alçar em meio à hierarquia e aos fiéis, o direito de salvadora do catolicismo na atualidade. Pode parecer uma atitude demasiadamente pretensiosa, porém, os estudiosos do tema no Brasil, nos fornecem material substancial que fundamenta a questão.

A raiz pentecostal é bem diversa. Segundo Clodovis Boff, existe pertinência entre RCC, Pentecostalismo e classe média. Todavia, existe a “raiz popular do Pentecostalismo”, iniciada pelo “pastor batista, também negro,

William Seymour, em Los Angeles” (BOFF, 2000, p. 37). Seja como for, a RCC expandiu-se a partir de jovens universitários americanos em Duquesne. “Na Igreja Católica, a pentecostalização, sob a forma do que veio ser a RCC entrou no começo de 1967, um ano após o Concílio (concluído em 8 de dez. de 1965)” (BOFF, 2000, p. 38). Daí por diante, o “sopro carismático” se espalhou. A proposta passou a ser a de atrair os fiéis católicos distanciados do seio eclesial com música, oração, teatro, lazer, shows e encontros (CARRANZA, 2009, p. 34) e promover uma reviravolta espiritual começando por dentro do catolicismo. Tratou de consolidar sua ruptura com sua raiz pentecostal, esboçando algumas diferenças cruciais como: **a recitação do terço, a participação diária nas missas, a**

confissão frequente e, sobretudo, uma proximidade incondicional com a hierarquia, o que trouxe muitos benefícios para a RCC, de modo particular, a obediência ao papa (CARRANZA, 2000, p. 143-149). Os benefícios não demoraram e já em 1975, o Papa Paulo VI num encontro de lideranças carismáticas em Roma, reconhece a pujança e a força da RCC, pelo combate tenaz que realiza em favor da fé e da igreja católica num “mundo por demais secularizado” (PAULO VI *apud* CARRANZA, 2009, p. 35).

A primeira etapa histórica do processo carismático. O fogo do Espírito Santo começou a dar resultado. A Igreja no Brasil em dez anos – desde 1969 até 1979 – parecia “dominada” pela força espiritual carismática. Um processo basicamente irreversível. “Bastou uma década para que dos “seminários de vida no espírito” germinassem centenas de seguidores da RCC. Muitas dioceses viram proliferar grupos de oração nas paróquias ou em casas particulares [...]” (CARRANZA, 2009, p. 37).

O discurso e a prática orante da RCC foram se fortalecendo. O caminho traçado na Igreja do Brasil ia assumindo cada vez mais uma fisionomia de abrangência com grupos, seminários, rebanhões e outras atividades. A RCC estava se consolidando no cenário eclesial e começaram a aparecer os desafios, e a proposta carismática recebeu críticas de todos os lados. Desde os grupos mais conservadores da Igreja até alguns membros da hierarquia sobravam ataques. Estava posto e aberto o campo da disputa religiosa. “Assim, acusada de ser um movimento que visava só o “espiritual”

sem compromisso social, a RCC sofreu ‘rejeição’ por parte de alguns” (CARRANZA, 2009, p. 37, destaque da autora). Suspeitas, olhares e posturas de isolamento, “medo” do novo também não faltaram; ela – a RCC – aportou com um desempenho semelhante aos pentecostais. Para muitos católicos, inaceitável. O que se pode esperar desse povo que louva, dança, levanta os braços em demasia? Fala-se até em “repouso no Espírito”. Tudo parecia muito estranho. Só que a RCC sentiu uma boa mudança tanto por parte de fiéis católicos como de membros da hierarquia. O que houve para tamanha reviravolta? Brenda Carranza explicita:

Na RCC percebeu-se a oportunidade de trazer de volta aqueles que ‘estavam longe’, isto é, a possibilidade de reinstitucionalizá-los, devolvendo ao catolicismo sua maioria cultural, portanto, havia que ‘assimilá-la’. Houve os que perceberam nela a oportunidade de conter a sangria dos católicos de nome que se esvaíam nas veias pentecostais evangélicas [...] (CARRANZA, 2009, p. 37).

Com a perspectiva de modificar os rumos do catolicismo no Brasil os carismáticos emplacaram seu discurso e sua prática. Os apoios surgiram e o papa João Paulo II foi crucial para essa solidificação da RCC. Nunca mediu esforços para estar ao lado dos carismáticos e apoiá-los. “Daqui brotará a autêntica renovação da Igreja, que o Concílio Vaticano II desejou e que vós tratais de facilitar com a oração, o testemunho e o serviço” (JOÃO PAULO II, 1982, p. 28). Fica claro, que a RCC e todos os Movimentos obtiveram “carta branca” para atuar livremente no seu pontificado.

A **segunda etapa histórica do processo carismático**. O trabalho dos **dirigentes** da RCC foi se consolidando e passando os anos 80 – século XX – com uma boa aceitação de suas atividades, tanto por parte do clero, como também de muitos bispos.

“Tudo isso aumenta consideravelmente o raio de ação e a visibilidade da Renovação” (OLIVEIRA, 2008, p. 113). E não parou de crescer. Despontou e aprofundou sua égide. “Durante essa fase de consolidação, a Renovação

Carismática tornou-se praticamente onipresente nos meios eclesiais do Brasil” (OLIVEIRA, 2008, p. 131). A espiritualidade carismática ganhou notoriedade e chegou aos anos 90 demarcando seu território. O clima sócio-cultural e religioso de busca pelo sagrado colaboraram com seu estilo. Outros fatores apontados em demasia para seu fortalecimento foram os seguintes: revalorização do corpo, experiências subjetivas de religiosidade com toques emocionais – louvor, cura – e a conhecida oração de libertação, e, como um dos grupos alinhados com a Santa Sé, “os movimentos teologicamente conservadores” obtiveram apoio, sobretudo do Vaticano e lograram certo “enfraquecimento da Igreja progressista” (ANDRADE, 2007, p. 206; CARRANZA, 2009, p. 38).

Nessa fase tudo que diz respeito ao indivíduo e à sua luta espiritual ganha notoriedade. A preocupação com as lutas de cunho social dão lugar a outras manifestações. Vê-se que elas não desapareceram, só que, na nova euforia ou nova manifestação do

indivíduo marcado pelo desejo de montar seu caminho religioso próprio o tecido eclesial fica pronto para o aparecimento de figuras “estrelares”. É um momento de euforia que a RCC experimenta. E ela também ajudou a

montar esse quadro. A hora é de conquistar fiéis católicos distanciados e novos seguidores, de mostrar força espiritual, hora de destaque dentro e fora da Igreja. Um verdadeiro culto a “personalidades que viram celebridades”

(CARRANZA, 2009, p. 38) alimentando a RCC de poder frente a outros Movimentos do próprio catolicismo. Aparecem como um meteoro os padres Zeca no Rio de Janeiro, Jorjão, Antonio Maria, o expoente mais assediado, Padre Marcelo Rossi e outros (as) leigos (as) a fazer sucesso com músicas e posturas de traço emotivo que ganha notoriedade e solidifica uma Igreja voltada para a busca de mais fiéis. Camisas em retiros e encontros, clichês – como Deus é 10 – conquistaram fiéis e mantiveram vivo o fenômeno carismático.

A RCC conseguiu emergir e se fortalecer em pouco menos de trinta anos. O papel dos seguidores carismáticos foi de dar visibilidade ao Movimento e isso aconteceu rapidamente. Na perspectiva sociológica, essa formação bem alicerçada, “corresponde à rotinização do carisma, na sua compreensão weberiana” (CARRANZA, 2009, p. 44). Próxima da hierarquia a RCC vai sendo aos poucos “controlada” pela instituição a qual ela se coloca como salvaguarda.

O quadro histórico no qual surgiu a RCC abre a possibilidade para enxergar sua sobrevivência sob dois ângulos: o primeiro é sua proximidade com o pentecostalismo americano e posterior descolamento. O segundo é sua posição clara de conservadorismo para alçar em meio à hierarquia e aos fiéis, o direito de salvadora do catolicismo na atualidade.

O aprofundamento do carisma e sua total legitimação são unânimes. A RCC começa nessa etapa a incutir no tecido eclesial brasileiro seu poder de alcançar as classes sociais mais baixas economicamente, realizando incursões de tipo quantitativo, com retiros e seminários de vida no Espírito. Faz a ponte sociorreligiosa, entre o dilema espiritual do povo que vive rodeado de promessas evangélicas de tipo salvacionista e o drama institucional de um catolicismo que passa a contabilizar a queda constante de seu público, mais conhecida como a famosa “evasão de fiéis” católicos da Igreja. Por isso, a RCC nesse volume de propostas também representa vantagem. “Nos ganhos, contabilizam-se o ascenso a “status midiático” do demônio....” (CARRANZA, 2009, p. 44).

A RCC aposta na institucionalização para fazer sobreviver suas atividades, multiplicando-as nas várias esferas da sociedade e da Igreja. Mais do que isso, sente a necessidade de dar regras a seu impulso de carismas. Crescem as figuras de poder espiritual como Pe. Jonas Abib, Pe. Roberto Lettieri, Pe. Léo – in memoriam, pregador contundente, membro da congregação dos padres Dehonianos – e leigos como Gilberto Barbosa da Obra de Maria, presente no Recife e nas dioceses de Aracaju e Propriá, bem como Moyses Azevedo do Shalom. Esses “*profetas*” despertam para uma concepção de trabalho eclesial onde a oficialização terá predominância sobre grupos em busca de segurança – sobretudo jovens – e daí surge as **Novas Comunidades**³ retrato mais

³ Elas formam um estilo de vida comunitária com a presença de homens e mulheres – mais se diferenciam das antigas ordens e congregações religiosas – solteiros e casados, sob a tutela da espiritualidade carismática. Os seus membros professam os votos de pobreza, obediência e castidade. Nesse caso, vão à contramão da

contundente da RCC em sua tarefa de dominar a vida da Igreja no Brasil.

O contexto da terceira etapa. A preocupação do artigo em esboçar os períodos da RCC, reforça uma realidade de transição no meio carismático. O poder midiático é o centro dessa fase. Momento de solidificação frente aos desafios culturais do séc. XX. A RCC foi conquistando a concessão de rádios e TVs católicas, impondo um ritmo ou um estilo de catolicismo na vida eclesial. Esse tipo de catolicismo praticado pela Renovação Carismática, “[...] representa a volta do catolicismo das multidões (registrada na segunda metade do século passado), desta vez focado na sociedade do espetáculo para visibilizar a Igreja” (CARRANZA, 2009, p. 44).

Esta arrumação de estilos vem configurando a Renovação Carismática como portadora de um carisma forte e determinante no seio católico. Com a midiaticização de suas atividades, a RCC explora horários intermináveis com missas, palestras e retiros – a exemplo da Tv Canção Nova – que são uma verdadeira fonte de manutenção de católicos na Igreja. Com seu estilo conservador na doutrina, consegue dá uma roupagem pós-moderna – ou digamos com traços de “pós-modernidade”⁴ – com shows, cantores alinhados com o público e uma boa dose de marketing. Também ela expõe os limites da penetração do catolicismo nas camadas

história, pois muitos jovens sentem-se tocados por esse estilo de vida. As chamadas **Novas Comunidades Católicas** seguem a seguinte divisão: Comunidade de Aliança e Comunidade de Vida.

⁴ No contexto do artigo, Carranza nos ajuda a pontuar com clareza a expressão. “A pós-modernidade é um termo polivalente, que precisa ser matizado a cada vez que é utilizado. Se entendermos a pós-modernidade como expressões conflitantes num mesmo tempo e espaço, acho que as novas comunidades são uma manifestação de um catolicismo que se repõe com matrizes conservadoras e tradicionais num novo contexto de expressão midiática. Um certo vinho novo em odres velhos” (CARRANZA, 2013, p.3).

populares e médias da sociedade, refaz a vida de muitos católicos indecisos e atrai muitos que viviam afastados, chamando para si a responsabilidade de manter a religião no topo da disputa religiosa no Brasil.

Parece contraditório, mais esse estilo que mescla “o novo” – de novidade – com o antigo tem dado resultados expressivos a ponto de declinar a desconfiança de grande parte da hierarquia católica. Insistimos que a RCC nesse estágio apresenta roupagem “pós-moderna”, pois esse traço é capaz de torná-la atraente e sólida na apresentação de seu discurso. Mantém sua fórmula inicial com grupos de

5 Conclusão

O catolicismo no Brasil ganhou fôlego com a chegada da RCC. O Movimento apostou na capacidade de atrair fiéis pela quantidade em suas atividades. Se a premissa for à do princípio da impenitência – estancar evasão e atrair mais seguidores – então, o Movimento carismático está sendo “indispensável” para a Igreja Católica na atualidade. Porém, deve-se trabalhar em cima de outros pressupostos, o que demanda outro artigo e outra direção.

Descobrimos na elaboração do artigo, que é possível a convivência dentro do catolicismo de tendências religiosas diferentes e conflitantes. Parece que os seguidores da RCC acharam seu norte. E mais, a RCC que veio dos Estados Unidos – onde historicamente se deu o despertar dos “renascidos” – chamando a atenção dos estudiosos e pessoas ligadas à hierarquia

oração, Seminários de Vida e outros eventos, só que dando uma divulgação tão ampla que consegue manter suas obras economicamente com a participação direta dos fiéis.

A RCC tem se mantido viva e atuante na vida eclesial. Ultrapassando a barreira do tempo pode-se dizer que sua consolidação como fenômeno religioso é indiscutível. E, para confirmar que o espectro religioso encontra-se em aberto, Brenda Carranza expõe: “no entanto, fazer uso desses meios não dispensa da apropriação da cultura midiática que traz no seu seio valores que se contrapõem à doutrina católica” (CARRANZA, 2013, p.3).

católica, continua em seu estágio colocando questões para o debate. A RCC **conseguiu passar pelas etapas históricas que vimos, pelo apoio incondicional que recebeu da hierarquia católica ou pela adesão dos seguidores à sua metodologia?** O artigo abriu perspectivas e o caminho posto pode ajudar novas investidas no âmbito da “vida carismática”.

Nas circunstâncias atuais que cercam a Igreja no Brasil o catolicismo carismático está posto e muito alicerçado. Sugerimos maior atenção a seus múltiplos aspectos no campo da doutrina, da metodologia, do convencimento e, agora, pelo investimento na mídia. Além de que, sua influência na credibilidade e na decisão da hierarquia sobre os rumos da Igreja no Brasil também merece atenção. ■

Referências

- ABIB, Jonas. **Canção Nova uma obra de Deus**: nossa história, identidade e missão. São Paulo: Editora Canção Nova, 2010.
- ANDRADE, Péricles. Diálogos e tensões entre o catolicismo e a modernidade no Brasil. **Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**, São Cristóvão-SE, 2007, p. 197-217.
- BEOZZO, José Oscar. O Concílio Vaticano II: etapa preparatória. **Vida Pastoral**, São Paulo, jul./ago. 2005. Disponível em: <<http://vidapastoral.com.br/o-concilio-vaticano-ii-etapa-preparatoria.html>>. Acesso em: mar. 2013.
- BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BOFF, Clodovis. **Carismáticos e libertadores na Igreja**. Revista Eclesiástica Brasileira (REB), Petrópolis: Vozes, fasc. 237, p. 36-53, mar. 2000.
- BORGES, Alexandre. **RCC no Brasil**. [s.l., s.d.]. Disponível em: <<http://www.portalarismatico.com.br/menu/movimento/historia5.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2011.
- CARRANZA, Brenda. **Renovação Carismática Católica**: origens, mudanças e tendências. Editora Santuário: Aparecida, 2000.
- CARRANZA, Brenda; CAMURÇA, Marcelo, MARIZ, Cecília, (Orgs.). **Novas comunidades católicas**: em busca do espaço pós-moderno. Aparecida: Idéias & Letras, 2009.
- CONCÍLIO VATICANO II. **A liberdade religiosa, as relações da igreja com as religiões não-cristãs**: declarações *Dignitatis Humanae, Nostra Aetate*. Petrópolis: Vozes, 1966.
- CNBB. **Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica**. São Paulo: Paulinas, 1994 (Documentos da CNBB, 53).
- HÉBRARD, Monique. **Os carismáticos**. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1992.
- JOÃO XXIII; JOÃO PAULO I; JOÃO PAULO II. **Os papas falam sobre a Renovação Carismática**. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1982.
- KEHL, Medard. **A Igreja**: uma eclesiologia Católica. São Paulo: Loyola, 1997.
- LIBÂNIO, João Batista. **A Religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002.
- MARIZ, Cecília Loreto. **A Renovação Carismática Católica**: uma igreja dentro da Igreja? [s.l., s. d.]. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/115>>. Acesso em: 15 jul. 2011.
- OLIVEIRA, Pedro Rubens Ferreira. **O rosto plural da fé**: da ambiguidade religiosa ao discernimento de crer. São Paulo: Loyola, 2008.
- O MOVIMENTO de Comunhão e Libertação. [s.l., s. d.]. Disponível em: <<http://br.clonline.org/default.asp?id=518>>. Acesso em: 10 de fev. 2013.
- PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do Espírito**: a renovação conservadora do catolicismo carismático. São Paulo: Edusp, 1998.
- SOFIATI, Flávio Munhoz. **Elementos sócio-históricos do movimento carismático no Brasil**. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/ds/posgraduacao/simposio/m_10_Flavio_Munhoz_Sofiati.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2011.
- TEIXEIRA, Faustino. **O catolicismo no Brasil**. [s.l., s. d.]. Disponível em: <<http://fteixeira-dialogos.blogspot.com/2010/04/o-catolicismo-no-brasil.html>>. Acesso em: 6 set. 2010.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

Artigo recebido em 06/05/2013. Aprovado em 07/06/2013.